



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE  
EDUCAÇÃO/2006

**Tomada de Consciência na Contação da Própria História:  
um possível diálogo entre Piaget e Freire**

*Marta Teixeira<sup>1</sup> e Tânia Stoltz<sup>2</sup>*  
*Universidade Federal do Paraná*

**Resumo**

O artigo discute teoricamente a possibilidade da tomada de consciência de aspectos da própria existência por meio da contação da própria história. Foram abordados os aspectos cognitivo e social envolvidos na tomada de consciência do adolescente e do adulto. A discussão considera aspectos das teorias de Jean Piaget e de Paulo Freire. Parte-se do pressuposto que uma das ferramentas que possibilita um avanço na compreensão de si é a oportunidade de narrar as próprias experiências de vida. Conclui-se apontando para a possibilidade do diálogo entre Piaget e Freire a partir dos conceitos de ação e compreensão da teoria de Piaget e da práxis e conscientização da teoria de Freire. Tal diálogo evidencia-se como sustentando a possibilidade de tomada consciência na contação da própria história.

**Palavras-chave:** tomada de consciência, interação social, Piaget, Freire.

**Introdução**

O objetivo deste artigo é identificar quais os elementos nas teorias de Piaget e Freire que levariam à discussão da possibilidade de tomar consciência de aspectos de si a partir da contação da própria história. Principais obras que embasam a presente discussão em Piaget: *A Tomada de Consciência* (1974); *Fazer e Compreender* (1974); *O Juízo Moral na Criança* (1932) e *Estudos Sociológicos* (1973). Em Freire: *Pedagogia do Oprimido* (1970) e *Educação como Prática da Liberdade* (1999).

Quanto ao aspecto cognitivo justifica-se nossa referência a estes dois autores particularmente porque, apesar de terem objetivos e interesses diferentes, tanto nas obras de Piaget quanto nas obras de Freire, a atividade do próprio sujeito é a origem e o instrumento para a compreensão de si mesmo e do mundo. Segundo BECKER (1997)

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.  
martajolie@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.  
taniastoltz@bol.com.br

pode-se dizer então que a tomada de consciência para Piaget e a conscientização para Freire se aproximam no que diz respeito à ação. Para os dois autores o agir sobre o meio físico e social possibilita o desenvolvimento.

A relação entre sujeito e objeto se dá por assimilação e acomodação, conforme Piaget. Assimilar significa aplicar os esquemas de ação que o sujeito já possui para absorver e compreender o mundo. Mas, frente a um conflito, quando o sujeito se depara com informações contraditórias às que ele conhece, este procura ajustar seus esquemas para adaptar-se a esta novidade. Este processo auto-regulador constitui uma compensação entre assimilação e acomodação, o que leva ao equilíbrio, à atividade inteligente.

Entre os fatores necessários para o desenvolvimento cognitivo do sujeito Piaget define a equilibração como o fator mais importante. A equilibração é um processo auto-regulador porque coordena os outros fatores (maturação, experiência e interação social) e possibilita a busca de um novo equilíbrio ou de uma nova compreensão a partir de uma situação de desequilíbrio cognitivo.

Freire enriquece e complementa esta discussão quando contextualiza o sujeito em seu meio cultural e sócio-político, deixando claro que para ter consciência de seu ser, o sujeito deve integrar-se em sua realidade agindo a partir dela e com ela num processo que leva à conscientização.

No que concerne o aspecto social, tanto em Freire quanto em Piaget a cooperação e a discussão entre iguais são momentos privilegiados para o desenvolvimento do ser humano. Para os autores acima mencionados, a autoridade impede um verdadeiro diálogo que possibilite a expressão livre de idéias e trocas.

Na discussão teórica encerrada por este trabalho analisaremos primeiro a ação neste processo de tomada de consciência. Em segundo lugar a compreensão e seu poder sobre a ação. Em terceiro lugar o papel da representação e da linguagem no pensamento formal e no desenvolvimento da consciência crítica, visto que o foco desta discussão é o adolescente e o adulto. Em quarto lugar a interação social, e por último a contação da própria história como instrumento para a tomada de consciência. Para finalizar, pontuaremos algumas considerações finais sobre o assunto aqui tratado.

### **O papel da ação e a Tomada de Consciência**

Conforme Piaget, a ação já constitui um saber, mas, não necessariamente um compreender. No nível mais básico de tomada de consciência o compreender está

atrasado em relação à ação. A ação antecede a tomada de consciência. Sendo assim, esta discussão teórica propõe que contar a própria história seja visto como um instrumento provocador do pensar, portanto, da reflexão a partir da ação de narrar sua própria história.

Para entender este avanço, isto é, como se atinge a compreensão tomando como ponto de partida a ação, é preciso conhecer os mecanismos da tomada de consciência.

Em sua obra *A Tomada de Consciência* (1974), Piaget chega à conclusão que esta envolve um processo no qual acontece uma passagem da assimilação prática a uma assimilação por meio de conceitos. Tomar consciência de algo significa também passar da ação para a representação, o que exige interiorização da ação e também uma reconstrução.

De fato, o processo em si exclui a compreensão repentina, o que indica que existem níveis de consciência a serem atingidos conforme os diferentes graus de integração. Antes de atingir a consciência há um grau intermediário que seria a consciência incompleta da ação. Se uma ação é bem sucedida esta não pode ser totalmente inconsciente, todavia, não significa que o sujeito saiba explicar todo o processo aí existente.

No caso de uma ação mal sucedida, o sujeito, quando levado a pensar o porquê do insucesso, fará correções sucessivas e por consequência o mecanismo regulador será instrumento para atingir maior nível de compreensão dos esquemas de ação usados por ele.

Os estudos de Piaget revelam que, além dos resultados negativos ou inaptações, o próprio processo assimilador é instrumento que faz progredir a consciência. Conhecer um objeto é mais que olhar para ele, é agir sobre ele. Em síntese, esta tomada de consciência acontece num movimento que Piaget designa como partindo da periferia para as regiões centrais do objeto e da periferia para as regiões centrais das coordenações das ações.

Comparando aos níveis de consciência apresentados por Piaget, Freire chama de consciência ingênua aquela que apresenta apenas argumentos superficiais facilmente derrotados, enquanto chama de consciência crítica aquela que demonstra argumentos bem articulados e profundos. Entre estes níveis de consciência ainda há, segundo Freire, a consciência transitiva.

Freire condena a educação que suprime a ação do educando no próprio processo de desenvolvimento cognitivo e social. O sistema educativo criticado por Freire é chamado de educação bancária, pois significa depositar na mente dos educandos

informações desvinculadas de sua realidade e por isso intensificando a consciência ingênua, deixando o indivíduo na periferia dos assuntos tratados.

Mas, como acontece esta passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, segundo Freire?

É que alguns elementos impedem a emersão<sup>3</sup> da consciência: a ação anti-dialógica que carrega consigo a repressão, a manipulação e a invasão cultural que causam a alienação do ser.

Neste sentido, para desenvolver-se é preciso, nas palavras de Freire (1970, p. 158): “1) que haja um movimento de busca, de criatividade, que tenha no ser mesmo que o faz, o seu ponto de decisão; 2) que esse movimento se dê não só no espaço, mas no tempo próprio do ser, do qual tenha consciência.”

Freire nos apresenta o homem sempre num contexto sócio-político, onde ele identifica dois tipos de pessoas: os opressores e os oprimidos, ambos sem consciência de suas condições existenciais enquanto agindo fora do verdadeiro diálogo e cooperação. Somente um afastamento do opressor possibilitaria aos oprimidos diferenciá-lo e objetivá-lo; caminho pelo qual se pode chegar à consciência crítica e à ação racional de luta pela democracia.

Da mesma forma, como acontece esta passagem da inconsciência para a consciência segundo Piaget?

Em face de uma atividade, o sujeito tem um objetivo, e após executá-lo, vê-se o resultado. Se perguntarmos para o sujeito como ele chegou àquele resultado, positivo ou negativo, ele terá dificuldade em explicar e talvez procure reviver a experiência para explicá-la. Isto mostra que o objetivo e o resultado são periféricos ou externos, não se encontram no sujeito nem no objeto, mas nas relações entre os dois. O que permanece inconsciente são os meios empregados para atingir tal objetivo bem como sua motivação, esses se encontram nas regiões centrais. É procurando explicá-los que se chega à compreensão tanto do objeto quanto das coordenações próprias.

Portanto, avançar na compreensão, significa seguir um movimento da periferia ao centro, da aparência à essência, do superficial ao profundo: processo contínuo de ação e reflexão.

Assim, para Freire e para Piaget, não se pode dicotomizar ação e reflexão, é justamente esta práxis que possibilita a tomada de consciência.

---

<sup>3</sup> Termo muito usado por Freire que quer dizer o contrário de imersão. Por analogia, a expressão emersão da consciência seria o contrário de alienação.

### **O papel da compreensão sobre a ação**

Referindo-se à teoria de Piaget sobre a tomada de consciência, em sua obra *Fazer e Compreender* (1974), é interessante observar que embora seja a ação fonte de toda razão, em um momento posterior, a compreensão ultrapassa a ação para planejá-la. Logo, vemos na consciência um poder de transformação sobre a ação, o que nos motiva a estabelecer a presente discussão.

Freire chama de práxis ação e reflexão interagindo continuamente. Isto supõe uma superação do verbalismo e do ativismo. Logo, estar consciente de suas ações é pensar, refletir sobre elas.

O hábito de refletir sobre sua própria atividade, seus próprios procedimentos significa estar sempre auto-avaliando a si mesmo. Esta reflexão, proposta por Freire, poderia ser entendida como conduzindo à metacognição. O aspecto metacognitivo, segundo Doly (1999) leva o sujeito a ser mais independente e responsável por suas ações.

Fica evidente a importância da capacidade metacognitiva para o desenvolvimento humano, pois sem comparar os objetivos com os meios empregados e os resultados alcançados não há como verificar se houve avanço na compreensão.

Além disto, quando os próprios sujeitos se percebem capazes de verificar seus avanços, estes ficam certamente mais autoconfiantes e motivados a pensar e a ultrapassar os desafios seguintes. Na obra *Educação como Prática da Liberdade*, assim expressa Freire (1999, p. 62): “*Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente*”.

### **A representação e o pensamento formal em Piaget**

Na teoria piagetiana sobre a tomada de consciência, vemos que o pensamento se organiza quando o sujeito transpõe suas ações para um plano representativo, seja neste caso a sua história transposta para o plano da narrativa. De fato, para representar algo é necessário extrair a essência do objeto a ser representado. A representação sintetiza o que o sujeito realmente compreendeu do objeto. A operação organiza o pensamento levando-o à sua reconstrução e, portanto, é uma parte necessária no processo de tomada de consciência.

A representação nada mais é do que a evocação de ações ou de realidades por meio de símbolos chamados de significantes. É, pois, uma atividade mental que usa a abstração para fazer vir à lembrança fatos já vividos ou imaginados.

O que era pensado apenas no concreto, ou seja, na presença do objeto, é neste ponto superado pela re-presentação, a qual pode evocar o passado ao mesmo tempo pensando o presente e vinculando-o ao futuro. No período formal esta representação poderá expressar o raciocínio proposicional, o pensamento hipotético-dedutivo e a subordinação do real ao mundo dos possíveis.

Do ponto de vista de sua estrutura intelectual o indivíduo é histórico. Segundo os estudos de Piaget e colaboradores o desenvolvimento cognitivo segue sempre uma mesma ordem, isto é, para atingir um maior conhecimento faz-se necessário ter atingido um nível que o possibilite. Assim, cada avanço se apóia numa estrutura já existente.

Enfim, qual é o poder do pensamento formal em relação ao pensamento concreto?

Segundo Piaget, com o raciocínio formal o indivíduo estabelece relações em um sistema coerente e integra a realidade, comparando e transformando. E como a compreensão supera a ação, abre-se caminho para uma potencialidade progressiva e infinita. É que no pensamento formal há a possibilidade do raciocínio hipotético-dedutivo, que é a maior novidade neste nível de raciocínio. Isto significa deduzir as conseqüências das hipóteses e interligar todas as possibilidades que podem ultrapassar o real.

Sabe-se a partir de Piaget que é em geral na adolescência que se chega ao raciocínio formal. Dizemos em geral, porque realmente existem adultos que podem não atingir tal nível de raciocínio e isto por motivos diversos ligados aos fatores<sup>4</sup> necessários ao desenvolvimento humano.

Após identificarmos estas características do raciocínio formal, concluímos que é somente com as capacidades próprias deste que haveria a possibilidade de tomar consciência de aspectos da própria condição existencial integrados em um sistema.

---

<sup>4</sup> Os quatro fatores, segundo Piaget, como já mencionamos na Introdução: maturação, experiência, interação social e equilíbrio.

## **A linguagem e a consciência crítica em Freire**

As várias formas de linguagens é que unem os homens em co-laboração. Vemos com Freire que o diálogo é um caminho para acreditar no outro e valorizá-lo. Este autor propõe a pedagogia da comunicação.

Contar sua própria história é produzir verbalmente seus pensamentos e não apenas reproduzir conhecimentos desconexos de sua própria realidade. Freire (1996) mesmo diz que “*ensinar não é transferir conhecimento*”.

Visto que a comunicação favorece a cooperação, suprimir a palavra significa suprimir a expressão do indivíduo em relação à sua participação na sociedade.

Por isso, a grande preocupação de Freire enquanto educador foi incluir os adultos até então analfabetos em um mundo onde as linguagens mais privilegiadas são a fala e a escrita. Alfabetizá-los com a finalidade de integrá-los na sociedade e conceder-lhes as ferramentas para comunicar principalmente seus pensamentos, pois é também através da linguagem que se faz cultura.

Concordamos com Freire que o ser autêntico é aquele que ao invés de ser induzido, ao contrário, exerce sua capacidade de criar, fazer cultura. Neste caso o universo temático é determinado por verdadeiros atores e não espectadores.

Além disso, as capacidades de identificar e analisar as incoerências entre discurso e prática de si mesmo e do outro somente são possíveis quando o indivíduo possui uma consciência crítica. O conhecimento e a clareza da linguagem e da cultura estão ligados a esta compreensão, já que a linguagem é o meio para o discurso e a cultura é a prática das várias manifestações que caracterizam uma sociedade.

## **O papel da Interação Social**

É a interação social, o que inclui a linguagem em sentido amplo, condição necessária para as primeiras tomadas de consciência. Já que executar uma atividade não quer dizer que o sujeito se questione como exatamente a realizou, nem quer dizer que ele leve a integrá-la num conceito ou numa representação.

Por isso cabe ao educador questionar os sujeitos sobre seu agir, para levá-los a pensar sobre o significado das atividades, os procedimentos usados e os resultados obtidos. Com o tempo os sujeitos acabam por adquirir o hábito de refletir sobre o seu “fazer”.

Piaget, no capítulo *As operações lógicas e a vida social* de sua obra *Estudos Sociológicos* (1973), volta a afirmar, o que já havia feito em sua obra *O juízo moral na*

*criança* (1932), que há dois tipos de relação entre os indivíduos. Uma no sentido vertical, a relação de coação, própria da conduta heterônoma. A outra, no sentido horizontal, relação de cooperação, própria da conduta que leva a autonomia. Entre estas existem ainda as intermediárias que dizem respeito à variação de predominância de uma sobre a outra.

Paulo Freire nos deixou um grande exemplo no que diz respeito à cooperação, isto é ouvir o outro e dar-lhe a vez de participar. Em sua prática educativa ele buscou ouvir a história de seus alunos para conhecê-los melhor, possibilitando, assim, construir com eles pensamentos críticos a partir de algo concreto e significativo.

Esta atitude só se adquire em meio a um grupo, democraticamente pela cooperação, usando a palavra que é um direito de todo ser humano, o que se opõe completamente à pedagogia do silêncio e da opressão que infelizmente ainda existe em muitos ambientes escolares de nosso país. Por isso o educador que queira este diálogo já não pode posicionar-se como único detentor do direito à palavra, mas ele deve sim dar voz a seus educandos e respeitá-los promovendo a narrativa de suas experiências, e através da interação social trocar idéias e questionamentos sobre temas relevantes para eles.

Segundo propõe Stoltz (2006), como seres inacabados, estamos em constante mudança e precisamos do outro diferente na construção de nossa identidade. Em suas palavras: “O eu só se conhece a partir do contato com o outro” (STOLTZ, 2006 p.127). Mesmo muito diferentes, tanto o educador como o educando aprendem juntos na interação.

Freire nos mostra a urgente necessidade de discutir a realidade do meio em que vivem os educandos, pois levando-os a refletir e avaliar criticamente este, bem como suas próprias ações, terão condições de agir conscientemente, por exemplo, face à manipulação econômico-sócio-política aliena muitos indivíduos.

Como diria Paulo Freire, os sujeitos que possuem uma consciência ingênua só podem apresentar argumentos superficiais, que são frágeis, facilmente contrapostos. Mas os que possuem consciência crítica sabem usar argumentos sólidos e extrair a razão das ações, procurando avaliar cuidadosamente suas intenções, num posicionamento onde se deixa de ser objeto para ser sujeito transformador da realidade.

### **Anonimato x contação da própria história**

Em sua obra *Educação como Prática da Liberdade* (1999), Freire vai buscar na história da colonização do Brasil as raízes de nossa inexperiência democrática enquanto



povo brasileiro. Desde a escravidão, os opressores silenciaram a cultura brasileira para prescrever a deles. Desta maneira em geral, cada brasileiro sentiria uma desvalia e não se sentiria autoconfiante para fazer e contar sua história cultural. Foi assim que, muitas vezes ficando no anonimato, não se aprendera a respeitar a sua própria cultura, cada trabalhador explorado com um único papel, o de submeter-se.

No nosso entender, o descobrimento e afirmação de si através da narrativa da própria história foram desenvolvidos por Freire quando se propôs a alfabetizar adultos apoiando-se na democracia. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1970) podemos ver a preocupação do autor quanto ao homem histórico na busca do *ser mais* em oposição ao *ser menos*. É esta ênfase na história do próprio ser e o seu relato que possibilita compreender mais profundamente aspectos de sua condição existencial.

A objetividade e a subjetividade fazem parte do contar a própria história. O subjetivo significando o pessoal e o objetivo significando o objeto a ser assimilado, o mundo, a própria realidade. Por isso, a história carrega elementos tão importantes para se perceber o mundo em que se vive bem como a ação de quem está presente na constituição deste mundo.

Na contação da própria história os elementos que aparecem são objetos, palavras e idéias conhecidos do ser, o que o leva a expressar melhor o seu mundo, o seu papel, a sua importância ou não na sociedade. Tomando as palavras de Piaget (1932, p. 272) : *“No domínio moral, como no campo intelectual, só possuímos realmente o que conquistamos por nós próprios.”*

Neste sentido, na sua prática da alfabetização de adultos, Freire usou palavras geradoras, as quais eram captadas nas próprias conversas dos alfabetizandos. A partir destas palavras, cuidadosamente selecionadas, o que importava eram os temas que poderiam gerar discussões relevantes para o aprofundamento e emergência de suas consciências.

Na visão de Freire aqueles que estão a favor da libertação da consciência ingênua só o conseguirão a partir diálogo, do uso da palavra, o qual é um direito de todos. Contando sua própria história, a palavra se torna significativa e por isso mais interessante do que outra história qualquer. No entanto, aqueles que são silenciados permanecem na consciência ingênua e por isso oprimida, pois seus pensamentos são também silenciados já que sem a palavra não há transposição em um plano representativo, não há troca de idéias, não há comunicação nem relação de igualdade. Ora, as relações humanas acontecem neste vai-e-vem de ouvir o outro e de ser ouvido.

### **Algumas considerações finais**

Em poucas palavras, cada pessoa assimila o mundo e o que nele há conforme sua própria estrutura cognitiva e social, como ser histórico. Por isso, não se pode esperar que todos tenhamos a mesma percepção e opiniões mesmo convivendo num mesmo meio social. Cada um sendo o produto do que constrói através da assimilação e acomodação, processo este que se repete indefinidamente.

Pela discussão realizada, acreditamos que uma das ferramentas que pode ser usada para a tomada consciência de si mesmo é o contar sua própria história. Além disto, é interessante notar que quando se enxerga que há o outro diferente e, portanto, que há histórias diferentes pode-se comparar e se compreender melhor a si próprio e o outro.

E são justamente as diferenças individuais e as experiências e interações sociais que são assimilados segundo cada interpretação pessoal, que nos torna ricos em diversidade. Porém, sem o desejo de relacionar-se com o diferente, não há como ouvir e aprender com as histórias vividas pelo outro.

Na construção do conhecimento, como bem mostraram as pesquisas de Piaget no campo da psicologia, a razão não é inata, porém, depende, além dos outros fatores, das relações de reciprocidade, de cooperação.

Assim, o processo de tomada de consciência se opõe ao egoísmo. Freire (1974) nos diz que “*os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*”.

Conforme o homem conta a sua história, ele faz um movimento de aproximação consigo mesmo. Quando o indivíduo conta a sua própria história, ela passa a ser percebida por este como uma história rica, significativa, singular e ligada a outras histórias...

Porém, não basta apenas contar suas histórias de vida. O mais importante é refletir sobre elas, o que para ser levado a êxito da melhor forma, demanda a capacidade de raciocínio formal. Mas ainda é necessário agir. Este agir deve ser guiado pela compreensão para se tornar sujeito e não objeto de decisões opressoras.

Enfim, consideramos que Piaget e Freire com os conceitos de ação e compreensão, práxis e conscientização, se aproximam quando da discussão da possibilidade de tomada consciência de certos aspectos de si a partir da contação da própria história.

### Referências bibliográficas

- \* BECKER, Fernando. **Da Ação à Operação: o Caminho da Aprendizagem em J. Piaget e P. Freire.** Rio de Janeiro: DP&A Editora e Palmarinca, 1997.
- \* DOLY, Anne-Marie. **Metacognição e mediação na escola**, in GRANGEAT, Michel (coord.), MEIRIEU, Philippe (dir.) **A Metacognição, um Apoio ao Trabalho dos Alunos.** Porto. Porto Editora. 1999, p. 17-59.
- \* FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1987.
- \* \_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro Paz e Terra. 1999.
- \* PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos.** Trad. DI PIERO, Reginaldo. Rio de Janeiro. Forense, 1973.
- \* \_\_\_\_\_. **Intellectual Evolution from Adolescence to Adulthood.** Trans. BLISS, Joan and FURTH, Hans. Human Develop. 15: 1-12. 1972.
- \* \_\_\_\_\_. **La prise de conscience.** Paris. Presses Universitaires de France, 1974.
- \* \_\_\_\_\_. **O juízo moral na criança.** Trad. Elzon Lenardon. São Paulo. Summus, 1994.
- \* \_\_\_\_\_. **Réussir et Comprendre.** Paris. Presses Universitaires de France, 1974.
- \* STOLTZ, Tânia. **Interação social na família e desenvolvimento de crianças de cinco e seis anos**, in SHMIDT, Maria Auxiliadora, STOLTZ, Tânia (organizadoras), **Educação, Cidadania e Inclusão Social.** Curitiba. Aos Quatro Ventos. 2006, p. 123-129.